

BOLSAS	BOVESPA	C-BOND	DÓLAR	EURO	OURO	CDB	INFLAÇÃO
Na sexta (em %)	Índice da Bolsa de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos)	Título da dívida externa brasileira, na sexta	Comercial, venda, sexta-feira (em R\$)	Turismo, venda (em R\$)	Onça troy na Comex de Nova York (em US\$)	Prefeço, 31 dias (em % ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
+1,14 São Paulo	18.620 18.611	0,89 (▲1,78%)	3,092 (▼1,34%)	3,743 (▼1,16%)	376,40 (▲0,48%)	15,61	Dezembro/2003 0,52 Janeiro/2004 0,76 Fevereiro/2004 0,61 Março/2004 0,47 Abril/2004 0,41

17 MAI 2004

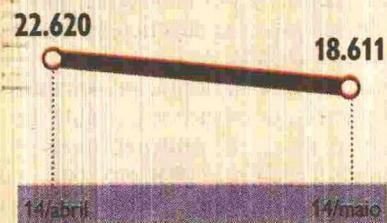
CORRÍO BRASILENSE

O CLIMA PIORA

O que aconteceu desde a última reunião do Comitê de Política Monetária

A BOVESPA CAIU

Desempenho da Bolsa de Valores de São Paulo (Em pontos)



Arte: Joelson Miranda

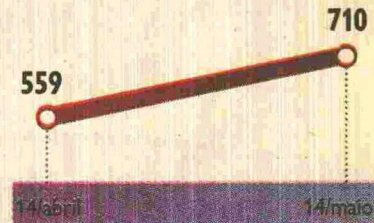
O DÓLAR SUBIU

Cotação (Em R\$)



O RISCO BRASIL AUMENTOU

(Em pontos)



O PETRÓLEO FICOU MAIS CARO

Preço do barril (Em US\$)



APOSTAS DE ALTA

Juros reais (contratos de janeiro de 2005 no mercado futuro) (Em %)



POLÍTICA ECONÔMICA

Inflação pressionada por aumentos no preço do petróleo e na cotação do dólar deve impedir Copom de baixar os juros. Manutenção da taxa pode comprometer desenvolvimento brasileiro

Economia - Brasil

Uma decisão difícil

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

O Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central terá, amanhã e quarta-feira, a mais dura reunião deste ano. A brusca mudança no cenário internacional, com a antecipação da alta dos juros nos Estados Unidos e a disparada dos preços do petróleo, praticamente anulou o espaço que havia para um corte na taxa básica de juros (Selic, hoje de 16% ao ano). Em meados de abril, o mercado chegou a apostar em uma queda da Selic de até 0,5 ponto percentual. Aos poucos, foi revertendo o otimismo, prevendo uma redução mínima de 0,25 ponto. Agora, a maior parte dos especialistas fala em manutenção da taxa. "Analisando todos os indicadores atuais, não vejo como o Copom cortar os juros", diz Adauto Lima, economista sênior do Banco WestLB.

Da última reunião do Copom, nos dias 13 e 14 de abril, até a última sexta-feira, todos os indicadores financeiros pioraram. A taxa real de juros (que desconta a inflação projetada para os 12 meses à frente) saltou de 9,43% para cer-

ca de 12%. O risco-país, principal sinalizador da confiança na economia brasileira, subiu de 559 para 710 pontos, tendo, em alguns momentos, rompido a barreira dos 800 pontos. Quanto maior o risco, menor a confiança do investidor. O dólar, por sua vez, disparou dos R\$ 2,887 para R\$ 3,092. Já o barril do petróleo, que custava US\$ 36,72 há um mês, atingiu a cotação recorde de US\$ 41,38. "Olhando o histórico do Copom, é difícil imaginar que haverá ousadia neste mês. Os riscos para o Brasil aumentaram muito", destaca o economista Eduardo Velho, consultor do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), órgão ligado ao Ministério do Planejamento. "O melhor momento para a queda dos juros ficou para trás", enfatiza.

Preocupação

Dos indicadores que inibem a ação do Copom, a maior preocupação é com o dólar, diz o economista-chefe da Consultoria Global Station, Marcelo Ávila. "O fato de a moeda americana ter ficado mais próxima dos R\$ 3,10, representa forte pressão sobre a inflação", afirma. A alta do dólar ganha relevância porque vem

Marcos Fernandes 9.10.98



“ANALISANDO TODOS OS INDICADORES ATUAIS, NÃO VEJO COMO O COPOM CORTAR OS JUROS”

Adauto Lima, economista sênior do Banco WestLB

conjugada com o aumento do petróleo. "Uma possível elevação dos preços dos combustíveis contamina a economia. E os efeitos não ficam restritos às bombas dos

postos", acrescenta o economista-chefe da Confederação Nacional do Comércio (CNC), Carlos Thadeu de Freitas Gomes, que foi diretor Financeiro da Petrobras.

Adauto Lima, do WestLB, lembra que, na reunião de abril, o Copom projetava aumentos de 9,5% para a gasolina ao longo de todo o ano e de 6,4% para o botijão de gás. Essas projeções, no entanto, foram feitas levando em conta um cenário de estabilidade para o dólar, com cotações abaixo de R\$ 3, e o barril do petróleo na casa do US\$ 30. Neste contexto, a inflação ficaria sob controle. "Mas a situação mudou significativamente", assinala o economista. "Portanto, se forem levado em conta todos os atuais números, dificilmente a Selic terá espaço para cair. Temos riscos adicionais para a inflação", emenda Lima, ressaltando que só haveria espaço para um corte de 0,25 ponto na atual taxa de 16% ao ano se o dólar caísse imediatamente para os R\$ 3. "Ainda assim, seria arriscado mexer na Selic."

Pela redução

A economista-chefe da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan), Luciana de Sá, é um pouco mais otimista. "Mesmo com todas as turbulências, não há porque o Copom suspender a trajetória de queda dos juros. A inflação está sob controle, todos os

núcleos da inflação (que descontam os aumentos atípicos de preços) estão em baixa. Além disso, não há espaço para repasses exagerados de aumento de custos por parte das indústrias para o consumidor, pois a renda dos trabalhadores continua achatada", afirma, opinião que é compartilhada pelo presidente da Confederação Associações Comerciais do Brasil, Luiz Otávio Gomes.

No governo, a torcida também é grande para que o Copom corte pelo menos 0,25 ponto da Selic. O argumento, sobretudo no Palácio do Planalto, é o de que, se mantida a taxa básica nos atuais 16%, vai se repetir o quadro de decepção ocorrido no início do ano, quando a queda dos juros deu uma estancada, dissipando as perspectivas de retomada da economia. Agora, com a indústria e o comércio recuperando o fôlego, não seria viável, no entender do governo, minar novamente esse movimento.

Apesar de os assessores do presidente Lula ressaltarem que o Copom é independente, muitos apostam que o grupo de diretores do BC que tem optado mais pela ousadia sairá vencedor no embate que começa amanhã e termina quarta-feira.